*(T.3)*

# Susana Rodrigues



[fig. 1] Fotografia da inauguração da fábrica de Máquinas de Costura Oliva com a presença do fundador da Oliva, António José Pinto de Oliveira e esposa (ao centro). 1948. Museu da Chapelaria, S. João da Madeira

# HISTÓRIA DA OLIVA

## O INÍCIO

Durante os oitenta e cinco anos da sua existência, a empresa Oliva atravessou sucessivas transformações políticas do país, desde a Primeira República, passando pelo Estado Novo, até à revolução democrática. Ao longo de décadas, foi uma das principais empresas de produtos metalúrgicos e metalomecânicos do distrito de Aveiro. Foi um marco para três gerações de portugueses residentes no concelho e fora deste, para além de uma empresa importante na era da industrialização em Portugal. Beneficiou da lei do condicionamento industrial nos anos 1930 e 40 ao ser-lhe concedida autorização de produção em regime de monopólio dos tubos de aço e das máquinas de costura, à semelhança do que se passava com outros grupos fortes no país, como era o caso da CUF.

Foi a primeira e única empresa nacional a produzir máquinas de costura, tendo sido bastante inovadora para a época na área do *marketing* e do *design* gráfico, onde soube rodear-se dos melhores artistas e profissionais, como Alberto Cardoso, Fred Kradolfer, J. Mattos Chaves e José Rocha. Ao maestro Belo Marques foi solicitado que compusesse peças musicais que eram depois oferecidas em formato vinil juntamente com as máquinas de costura. Também no campo da responsabilidade social, foi vasta a sua área de atuação: desde aulas leccionadas aos colaboradores nas instalações da própria fábrica, para além do incentivo dado para que frequentassem o ensino público, até à criação de orfeões, de clubes de teatro e de clubes de desporto; iniciativas de cariz social como jantares de convívio, jornais da empresa, férias balneares para os filhos dos trabalhadores, entre outras.

Depois de décadas douradas, mas sem descendência à altura, o fundador vende a Oliva a uma importante multinacional estrangeira (ITT) que, tirando partido da mão de obra barata relativamente ao resto da Europa ocidental, converteu a produção de máquinas de costura em produção de torneiras, que eram depois exportadas para uma empresa alemã do mesmo grupo. Quando a conjuntura nacional se apresentou desfavorável, e após avultados investimentos (através de empréstimos concedidos por bancos portugueses), a Oliva, já descapitalizada, deixou de servir os interesses desse grupo estrangeiro.

No contexto da desordem da revolução de Abril, as sucessivas tentativas de salvamento da empresa por grupos e indivíduos nacionais a partir dos anos 1980 não terão passado de actos falhados que culminaram com a declaração final da sua insolvência em 2010. O resgate dessa memória é feito por aqueles que ali trabalharam e, de certa forma, viveram, pois a Oliva «era uma escola». Essa recuperação também é feita por aqueles que adquiriram parte da massa falida e coleccionam muita da história materializada nos objectos que restaram; e ainda pela autarquia que, ficando na posse de alguns dos edifícios, decidiu criar aí um projecto de cariz empreendedor e cultural.

O início daquela que viria a ser conhecida por empresa Oliva[1] deu-se há quase um século, em 1925. Nessa época, Portugal passava pelo final da Primeira República que, em quinze anos, nomeava o seu oitavo presidente. No ano da criação da Oliva, cerca de 57% da população dedicava-se ao sector primário e 23,6% trabalhava na indústria, com o predomínio dos têxteis e da indústria conserveira. Às mulheres ainda não era reconhecido o direito de voto, e a taxa de analfabetismo rondava os 64% dos portugueses (1920). Os casos mais modernos na indústria da altura eram as indústrias químicas do Barreiro e uma fábrica de cimentos em Leiria; de resto, o pouco tecido industrial existente caracterizava-se pela falta de inovação tecnológica[2].

1 A Oliva, como começou a ser conhecida a empresa inicialmente fundada por António José Pinto de Oliveira, só foi designada como tal após o lançamento do seu produto mais icónico, as máquinas de costura, em 1948. Até aí, e durante o período de funcionamento da empresa, passou por várias denominações sociais. Por uma questão de simplificação utilizarei o nome «Oliva» ao longo do presente texto.

2 Ferraz, J. M. O desenvolvimento socioeconómico durante a Primeira República (1910- 26). *Análise Social*. Vol. XI (2.º-3.º), n.º 42-43 (1975). Disponível em http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223912673Y8iRK9tq7Sh93OU6.pdf

É neste contexto que António José Pinto de Oliveira funda, em São João da Madeira, juntamente com outros sócios, familiares, mas não só, uma empresa que se iria dedicar inicialmente às áreas da fundição, serralharia, serração e carpintaria mecânica. A «Terra do Trabalho», como era conhecido o município que ainda é o mais pequeno de Portugal, era uma pequena vila que só viria a ter total independência política e económica em 1926.

Com cerca de vinte trabalhadores, a nova empresa é instalada nos terrenos anexos à fábrica de chapelaria que chegou a pertencer ao pai do fundador, o aclamado António de Oliveira Júnior. Figura incontornável da história da agora cidade industrial, este terá sido responsável por um dos maiores símbolos da cidade. Criou, nos finais do século XIX, aquela que viria a ser a maior fábrica de chapelaria da Península Ibérica. Esta tradição na área industrial levou a que o lema da cidade passasse ser «Labor – Cidade do Trabalho». Foi precisamente o patriarca da família que terá incentivado o então jovem a trabalhar, inicialmente, na fábrica de chapelaria e, depois, a estagiar em grandes empresas na Suíça e Alemanha. É após esta experiência no exterior, que o próprio António José Pinto de Oliveira diz ter sido fundamental para perceber «o quão distante estariam os trabalhadores portugueses em termos de preparação, nível de vida, e segurança social»[3], que este decide trazer consigo ideias, mas também equipamentos, que permitiriam à sociedade por ele criada começar a exercer a sua atividade. Produzem alfaias agrícolas, forjas portáteis e material para a indústria chapeleira; e, mais tarde, por volta de 1934, passam a produzir radiadores e caldeiras de aquecimento central, salamandras, marmitas para grandes cozinhas, equipamentos para lavandarias industriais, bombas centrífugas e tornos de bancada. A fundição aí instalada, uma das maiores do país na época, permitiu a diversificação dos produtos. Localizada nas imediações da Estrada Nacional nº1, tinha um troço de linha férrea em comunicação com o caminho de ferro do Vale do Vouga que facilitava o escoamento da sua produção industrial e o abastecimento de matérias-primas. Nesse ano, empregava duzentos trabalhadores e ocupava uma área de dez mil metros quadrados.

Depois de introduzido o processo de esmaltagem, a Oliva começa a produzir banheiras, lavatórios colectivos e outro material de ferro fundido para esmaltar na própria empresa. Em 1938, pede ao Estado autorização para implantação de uma fábrica de tubos de aço. O alvará para a fabricação dos tubos e para a produção de máquinas de costura só é concedido anos mais tarde. Recorde-se que por esta altura o governo do Estado Novo tinha implementado a Lei do Condicionamento Industrial com o objectivo de capacitar a indústria nacional, tornando-a menos dependente das importações e permitindo, assim, a constituição de cartéis sectoriais para estabelecer contingentes de produção para cada unidade fabril[4].

## O PATRÃO VENERADO E INDUSTRIAL DE VANGUARDA.

A Lei do Condicionamento Industrial de 1931 terá beneficiado o empresário António José Pinto de Oliveira, assim como outros empresários que acumularam fortunas a norte e sul do país desde essa altura. Esta lei compaginava-se com a figura do Estatuto do Trabalho Nacional, objecto de lei constitucional criado em 1933 que obrigava à pacificação das relações entre as empresas e os trabalhadores, ameaçando com a activação do aparelho repressivo caso os actores sociais se eximissem a isso. Estes estavam enquadrados funcionalmente em novas associações: os Grémios (os patrões) e os Sindicatos (os trabalhadores). Como refere o historiador Jorge Fernandes Alves, «a corporativização da economia representou a pretensão de um mundo do trabalho dócil, através do controlo e fragmentação dos sindicatos nacionais por profissões e distritos, garantindo-se condições para salários baixos em troca de emprego estável de mão de obra, ainda que em prejuízo da mecanização e automatização fabril»[5]. Para Manuel de Lucena, o corporativismo rapidamente se revelou uma «fachada», um simulacro da organização representativa dos interesses, perante a dominação burocrática do Estado.

Não se sabe se por ignorância, se por limitação do direito à contestação, se por causa da pobreza que se vivia durante os anos em que vigorou o Estado Novo, nunca ocorreu uma greve na Oliva até à revolução dos cravos. Isto, segundo relatos de ex-trabalhadores dessa época e na ausência de registos nesse sentido. Aquilo que ainda hoje é recordado e enaltecido foi a capacidade e visão do fundador. Note-se que, em 1943, este é agraciado pelo Presidente da República, Óscar Carmona, com a Comenda da Ordem de Mérito Industrial por proposta do Sindicato dos Metalúrgicos do distrito de Aveiro.

Pinto de Oliveira é recordado por ex-trabalhadores como um patrão exigente, trabalhador, generoso, disciplinado e disciplinador; pela imprensa local como um empresário dinâmico e visionário. Ou, como escreve o chefe de publicidade da altura, Renato Figueiredo, «[...] industrial culto, esclarecido, audaz, excepcional organizador, trabalhador incansável, aglutinador e dinamizador de equipas que teve o mérito de formar, mentalizar e dinamizar.»[6] A António José Pinto de Oliveira também é reconhecido algum distanciamento político, apesar das boas relações que seriam essenciais para a concessão de alvarás. Em 1958, por altura do Primeiro Congresso, e dez anos após a inauguração da fábrica das máquinas de costura, este lá deixou escapar que, apesar das cláusulas de proteção, se continuava a importar máquinas de costura em massa, expressando assim a sua insatisfação em público e perante figuras políticas, entre elas o ministro da Economia. O mesmo se viria a passar com a fábrica de tubos, em que a garantia de monopólio que fora dada terá sido quebrada pelo Estado.

Testemunhos orais, recolhidos no contexto das entrevistas levadas a cabo por altura da exposição *Trabalho Capital # Ensaio Sobre Gestos e Fragmentos* para o Centro de Arte Oliva, falam de uma relação de submissão do trabalhador para com a chefia no tempo de António José Pinto de Oliveira, sem qualquer registo de reivindicações por parte dos trabalhadores e onde os sindicatos não tinham qualquer papel ou pouco significavam. Praticamente todos os que foram entrevistados concordaram que trabalhar na fábrica Oliva era um privilégio, mas houve quem desabafasse que havia mais temor do que respeito em relação à chefia.

«O senhor Oliveira era um homem calado e incisivo.»
...
«Na altura do senhor Oliveira, além do interesse económico, havia o interesse comunitário. E nós sentíamo-nos bem.»

Luís Machado no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

«Um homem muito direito, um amigo dos trabalhadores.»

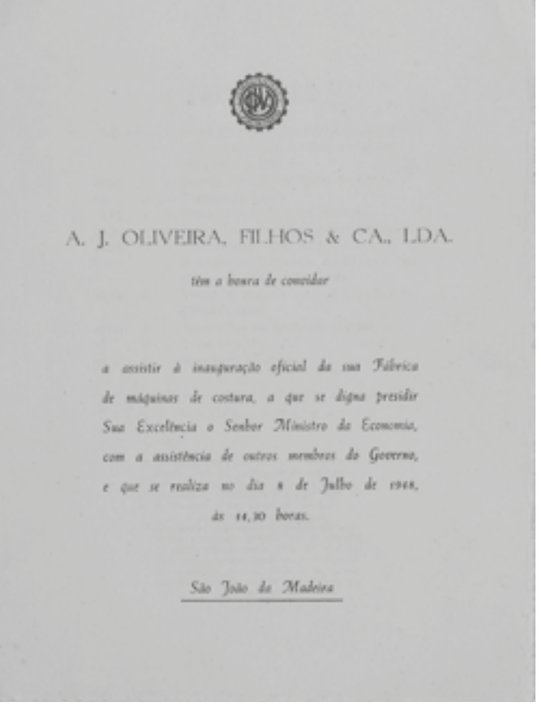
Carlos Coelho no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

3 Autor desconhecido. Figuras & Factos da nossa terra – António José Pinto de Oliveira. Jornal *O Regional* nº2385 (1991). Biblioteca Municipal de São João da Madeira.

4 Alves, J. F. A Indústria em Portugal, ao longo do tempo. CITCEM- Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2012). Disponível em https://www.academia.edu/20513642/A_industrialização_em_Portugal_ao_longo_da_História

5 Idem

6 Figueiredo, R. *Caleidoscópio*. Porto: Edições Laborpress, 2009.


A. J. OLIVEIRA, FILHOS & CA., LDA.

têm a honra de convidar

a assistir à inauguração oficial da sua Fábrica de máquinas de costura, a que se digna presidir Sua Excelência o Senhor Ministro da Economia, com a assistência de outros membros do Governo, e que se realiza no dia 8 de Julho de 1948, às 14,30 horas.

São João da Madeira

[fig. 2] Convite para a inauguração da fábrica de Máquinas de Costura Oliva. 1948. Coleção João Brandão

## A ÉPOCA DE OURO: 1938 A 1969 AS MÁQUINAS DE COSTURA OLIVA

É em 1942 que, finalmente, o Estado concede o alvará à A.J. Oliveira, Filhos & Cª Limitada para a produção de máquinas de costura. Essa solicitação de alvará, iniciada anos antes, em 1938, era vista com alguma estupefação, pois era até aí inexistente no território nacional. O alvará é finalmente concedido por um período de oito anos em regime de exclusividade pelo então engenheiro Daniel Vieira Barbosa, ministro da Economia da altura. A Segunda Guerra Mundial veio retardar a construção e montagem da fábrica de máquinas de costura, que acabaram por surgir no mercado em 1947. A fábrica, com uma autonomia técnica difícil de igualar na Europa, só não ficaria equipada para produzir agulhas após ter adquirido várias patentes à Bernina, conhecida empresa suíça de fabrico de máquinas de costura. Obrigou-se a cobrir metade das necessidades do país no espaço de cinco anos. Segundo relatos de ex-trabalhadores, o fundador decidiu enviar uma equipa de cerca de doze indivíduos do Porto para estagiar na Suíça, na fábrica da Bernina. A montagem da fábrica de máquinas de costura Oliva acontece com o acompanhamento de técnicos suíços, que se deslocam a São João da Madeira. A inauguração da fábrica dá-se em 1948, depois de ter sido encomendado ao *atelier* portuense Arquitectos Reunidos (ARS) um projecto de dois pavilhões para acolher a linha de montagem para a produção de máquinas de costura e fundição. A intervenção feita, entre 1950 e 1960, por este *atelier* no edifício de escritórios e no edifício de fabricos gerais permitiu que estes viessem a ser identificados pela Direcção-Geral do Património Cultural como parte do Património Industrial da Arquitectura Industrial Moderna (1925-1965) em Portugal. Esse mesmo *atelier*, que teve como arquitectos principais Fernando da Cunha Leão, Fortunato Cabral e Morais Soares, é responsável por outras obras importantes, destacando-se a do mercado de Matosinhos (1936-46), o Palácio Atlântico no Porto (1946-50), e o mercado do Bom Sucesso do Porto (1949-1952). Assim, a nova fábrica da Oliva, que emprega 550 trabalhadores, ocupa uma área de vinte e cinco mil metros quadrados e passa a produzir uma gama mais extensa de produtos. A empresa é agora conhecida publicamente por Oliva, embora a designação social permaneça «A.J. Oliveira, Filhos & Cª Limitada».

As máquinas de costura Oliva conquistaram rapidamente o mercado português, rivalizando apenas com as de marca norte-americana Singer (as primeiras a surgir no mercado, depois de Isaac Singer as ter patenteado em 1851). Foram criados vários modelos, como a cl. 45 (máquina de ponto direito) e a cl. 46 (máquina de zigue-zague); mas o «Ferrari» das máquinas de costura, conforme é dito pelo Sr. António Aires, gerente de loja que comercializava máquinas da Oliva nos anos 1980, era a cl. 50 (máquina automática Olivamátic).

«Era automática e já tinha padrões que eram pecinhas em plástico que eram colocadas pela parte detrás da máquina. E fazia diferentes pontos, os mais castiços. Era o supra-sumo das máquinas que estavam no mercado.»

Luís Machado no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)





[fig. 3] Fotografia da recepção do Ministro da Economia Daniel Vieira Barbosa (ao Centro) por altura da inauguração da fábrica de Máquinas de Costura Oliva. 1948. Museu da Chapelaria, S. João da Madeira

## A FÁBRICA DE TUBOS

A produção de tubos de aço, como já foi referido, foi outro importante momento de produção industrial na Oliva. As negociações iniciaram-se em 1938. Em 1943, é concedido o alvará para produção exclusiva, após terem sido ultrapassados vários obstáculos. Mas é apenas em 1954 que a fábrica dos tubos de aço é inaugurada com equipamento e tecnologia de origem norte-americana. Para isso, terá contribuído o Plano Marshall, conduzido pelos Estados Unidos para a reconstrução da Europa, via o Fundo de Fomento Nacional implementado em Portugal pela Lei 2058 de 29/12/1952, para a promoção de infraestruturas e indústria. Entra, assim, em funcionamento a fábrica de tubos de aço para canalizações, pretos e galvanizados por um período de dez anos, em exclusividade. As novas instalações, onde se inclui o pavilhão destinado à esmaltação, são consideradas das mais modernas da Europa.

Estes projectos, mais uma vez, são da autoria do *atelier* ARS, assinados pelo arquitecto Fortunato Cabral e pelo engenheiro civil Manuel Eduardo Coimbra de Sousa. A sociedade altera o nome para Indústrias A. J. Oliveira, Filhos & Cª. Lda. O fundador António José Pinto de Oliveira decide dar sociedade aos engenheiros Américo de Serpa, Melo Queirós, José António Gil da Silva e Martinho de Morais, para além de José Maria dos Santos e Gaspar Fernando Cruz de Novais. Mais tarde, em 1957, é nomeado administrador delegado da empresa o engenheiro José António Gil da Silva, figura muitas vezes referida por antigos trabalhadores da Oliva pelos seus conhecimentos técnicos, assim como pelas recorrentes visitas que fazia aos vários departamentos da fábrica. A assessora do engenheiro Gil da Silva, Maria Virgínia Silva e Costa, viria a ser a primeira mulher a obter certificação de revisora oficial de contas em Portugal, e ter-se-á criado uma excepção, através de um comunicado de 1958, para que esta e mais duas funcionárias pudessem continuar a trabalhar na empresa depois de casadas. Nesta altura, as instalações da Oliva

ocupavam trinta e cinco mil metros quadrados e a empresa empregava 650 trabalhadores. Participa na Feira das Indústrias Portuguesas em Luanda, na Feira Internacional de Comércio em Toronto e na I Exposição Internacional em São Paulo. Entretanto, o alvará de exclusividade não é cumprido, o que permite a produção de tubos noutras fábricas e impossibilita o crescimento do monopólio da Oliva.

Em 1968, o leque de produtos da Oliva passou a incorporar máquinas de costura, radiadores e caldeiras, ferros de engomar, caloríferos, fogões de cozinha, banheiras, lavatórios coletivos, marmitas, equipamento complementar para cozinhas, material para lavandaria, bombas centrífugas e manuais, tornos de bancada de ferro fundido, ventoinhas para forjas, motores de explosão de pequena cilindrada, abrigos para bicicletas, acessórios de ferro maleável para canalizações, acessórios para linhas e alta tensão, tubos para canalizações e outros usos, obras de ferro fundido normal e de ferro maleável e galvanização de artigos de ferro.

«O prestígio da empresa era nacional e internacional.
Esta fábrica era o protótipo da organização do país.»
Joaquim Silva no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

## A VIDA NA OLIVA

Em 1951 foi criado o Centro de Cultura e Recreio Oliva, integrado na Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT) como o Centro de Alegria e Trabalho número 287, tendo como objectivo promover a valorização intelectual e moral dos trabalhadores. Contam-se diversas actividades, sendo de destacar os seguintes feitos no atletismo, futebol, voleibol e teatro:

- No atletismo, no Campeonato Nacional por equipas organizado pela FNAT em 1953 venceram os atletas da C.C.R. Oliva: Pinho, Faísca e Tenente, com dois títulos individuais. Nos Campeonatos Regionais Corporativos, em 1962, vencem na primeira e segunda categorias.
- No futebol, o C.C.R. Oliva sagra-se vice-campeão nacional em 1973 (desporto corporativo).
- No voleibol, o C.C.R. Oliva sagra-se campeão regional em 1967.
- Nos Jogos Desportivos do Trabalho em 1967, o atleta Estanislau Tavares é campeão nacional no lançamento do peso em 1ª categoria, facto que repete em 1969 e 1970.
- No concurso nacional de teatro amador, o grupo de teatro C.C.R. Oliva vence, em 1971, o primeiro prémio Maria Matos com a peça Patelão e, em 1972, com a peça Inspector-Inspecção, o prémio Augusto Rosa, o troféu António Pinheiro e o diploma de honra pelo mérito da sua cenografia (caracterização, som, encenação) da Secretaria de Estado da Informação e Turismo. Ambas as peças foram encenadas pelo aveirense Rui Lebre.

Este Centro de Cultura e Recreio da Oliva constituiu um local de convívio extralaboral integrado na própria empresa, o que explica que as vidas desses trabalhadores estivessem tão ligadas à Oliva.

«Tínhamos sempre de trazer medalhas.»
Armando Marques no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)






[fig. 4] Fotografia da festa da criança em frente às instalações da Oliva organizada pela Fundação Oliveira Júnior.
Década de 1950/1960. Museu da Chapelaria, S. João da Madeira

Em 1955, é criada a Fundação Oliveira Júnior. Antes de ser uma fundação, funcionava como um fundo designado por «Fundações Sociais Oliveira Júnior», datado de 1931. De entre os serviços prestados destacam-se a assistência médica, colónias de férias para os filhos dos trabalhadores (Colónia Balnear Infantil Dr. Oliveira Salazar, na Figueira da Foz), auxílio escolar para os trabalhadores e seus filhos, prémios de produtividade, permanência, mérito e asseio; subsídios de casamento, nascimento, doença, invalidez, velhice, morte e luto; cursos de aperfeiçoamento profissional.

Também ainda relacionada com a questão da responsabilidade social, a Oliva cria, em 1961, a Cooperativa do Pessoal da Oliva. O objectivo era proporcionar aos seus trabalhadores a obtenção de géneros, vestuário, electrodomésticos e outros produtos, a preços mais baixos do que os do mercado. É referido por vários ex-trabalhadores que quem vinha trabalhar para a Oliva dava um bom candidato «para casar», além de que atingia um estatuto de ter futuro garantido, pois o salário era bastante superior ao que era pago noutras fábricas e áreas distintas. Aspectos como progressão na carreira e prémios de mérito estavam nesta altura já estabelecidos na empresa. Era comum os filhos, mulheres e familiares dos trabalhadores acabarem também a trabalhar para a Oliva.

Em consonância com os costumes que se viviam na época, era política da Oliva que as mulheres que se casavam tivessem de abandonar a empresa. Tal aconteceu pelo menos até 1958, ano em que foram criadas as primeiras excepções. Esta situação retrata bem as dificuldades da mulher em aceder ao mercado de trabalho numa altura em que a função desta na sociedade era reduzida ao cuidado do lar.

«Os produtos da Oliva tinham muita qualidade. Nenhum trabalhador da Oliva vivia mal. Quando casei, deram-me três dias de férias e no Natal recebi três dias de subsídio. E como andava fora da fábrica, um pouco por todo o país, tinha um seguro de 50 mil contos para a família se algo me acontecesse. Isto naquele tempo.»

Viriato Ferreira no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

«Quem tivesse uma bicicleta de pedais e trabalhasse na Oliva era um doutor.»

Viriato Ferreira no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

«Era o desejo de todos...trabalhar na Oliva, dignificava as pessoas.
Até se faziam casamentos pelo facto de se trabalhar na Oliva.»

Joaquim Silva no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

«Quando um rapaz trabalhava na Oliva, ninguém deixava escapar.
Era casamento certo.»

Felisberto Miranda no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

"...a Oliva era um mundo..."

Lizete Gomes no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

A Oliva pertencia ao grupo de empresas da indústria pesada; daí serem relativamente comuns os acidentes de trabalho, se atendermos à época em que se vivia e à falta de normas e regulamentação nas fábricas. O posto médico aí existente, com profissionais ao seu serviço, facilitava a assistência rápida aos trabalhadores que sofriam acidentes. Contudo, o trabalho repetitivo, exigente a nível físico e que se prolongava por longas horas, ao estilo de *Tempos Modernos* de Charles Chaplin, deixava marcas em quem lá passava.

«Por vezes, os ossos até rangiam»
...
«Era uma casa que entusiasmava, tinha sempre médico e enfermeiros...»

Carlos Coelho no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)



[fig. 5] Comunicação de Serviço Nº341 (5/71) – Músicas Publicitárias Oliva. 1971. Coleção João Brandão (página seguinte)

PUBLICIDADE

DISCOS

OLIVA



COMUNICAÇÃO DE SERVIÇO N.º 341 (5/71)

Amigos e Senhores :

Como é do conhecimento de quase todos V. Sas., a OLIVA dispõe de três discos com músicas publicitárias :

. "Marchas" — "Marcha OLIVA" e "Marcha Ziguezague", ambas de autoria do Maestro Belo Marques.

. "Corridinho OLIVA" — de autoria do Maestro Castro e Silva.

. "Diversas" — arranjo das duas marchas atrás referidas e de viras do norte, de Shegundo Galarza; "Calypso OLIVA", de autoria deste mesmo compositor.

Tal género de publicidade revelou-se, em tempos, de grande valor, estando ainda na memória de muitos a extraordinária popularidade da "Marcha OLIVA", que se ouvia de norte a sul do País.

Pensamos ser agora deveras oportuno tornar a divulgar estas músicas, pois estamos certos de se colherem óptimos resultados, se se conseguir fazê-las ouvir em variados locais e frequentes vezes.

Como em tempos dissemos, na maioria dos casos o oferecimento dos discos será o único encargo que resultará para V. Sas. de uma publicidade sempre actual e sugestiva. E há, na verdade, muitas possibilidades de conseguir o objectivo visado, oferecendo-os a casas de espectáculos, recintos desportivos e de diversão popular, empresários de cinemas ambulantes, instalações sonoras, pistas de automóveis, carrocéis, etc.

Gostaríamos de ceder gratuitamente os exemplares que ainda restam — não muitos —, mas tal prática é, infelizmente, inviável, pelos elevados encargos que tivemos de suportar com as várias edições. No entanto, para ajudar a sua divulgação e tornar acessível a V. Sas. o uso desta publicidade, resolvemos tomar para nós grande parte do custo e fixar o preço de qualquer dos discos acima indicados em Esc. 27$50.

Na certeza de podermos contar, uma vez mais, com a entusiástica e valiosa colaboração de todos os n/prezados Colaboradores, subscrevemo-nos com muito apreço,

de V. Sas.
atentamente,

OLIVA - Indústrias Metalúrgicas, S. A. R. L.

S. João da Madeira, 31 Maio 1971

## QUANDO O CONCEITO DE MARKETING AINDA NÃO EXISTIA COMO TAL EM PORTUGAL

A máquina de costura Oliva teve uma grande importância em Portugal e nas colónias africanas. Existia uma excelente articulação entre o produto e a sua publicidade. A forte presença em feiras permitiu à empresa Oliva alcançar notoriedade dentro e fora de portas. Para além das exposições já referidas, em 1958 participa na Exposição Universal e Internacional de Bruxelas e realiza o I Congresso Nacional da Oliva no aniversário dos dez anos de produção das máquinas de costura. Expõe também nas colónias ultramarinas.

Nesta altura a campanha de publicidade da Oliva abrangia a imprensa escrita, a rádio, discos com música publicitária da autoria dos maestros Belo Marques e Shegundo Galarza, publicidade cinematográfica nos filmes *A Costureirinha da Sé* e *Sonhar é Fácil* e publicidade luminosa de grande porte nos edifícios emblemáticos das principais cidades do país. Também patrocina concursos como o «Vestidos de Chita» em 1954 ao lado do *Jornal de Notícias*.

A maior parte do *design* gráfico é feito pelo artista gráfico Alberto Cardoso, num estilo minimalista e simples, com grande marca estética (Nova Tipografia via Bauhaus e logótipos estilo *Art déco*, fazendo alusão aos monogramas), que marcou as campanhas publicitárias da Oliva. Este artista também desenhava os *stands* das feiras.

Era ainda um *marketing* de «estilo» nacionalista, pois facilitava as relações com o governo da altura. O apelo ao cem por cento português, que convinha a uma ideologia autoritária e nacionalista e a publicidade às máquinas de costura, dirigida às mulheres confinadas ao cuidado do lar, definiam o seu papel na sociedade, conforme aos ideais da época.

A comercialização das máquinas de costura é vista como arrojada: os vários agentes de vendas espalhados pelo país não se limitavam à operação comercial, mas também proporcionavam às suas clientes a frequência de cursos de costura.

No que toca ao mecenato, a Oliva inicia em 1965 a recuperação da Capela de Nossa Senhora da Oliva (inaugurada a 14 de Julho de 1969), integrada num convento de freiras dominicanas fundado em 1633, na povoação de Tojal (distrito de Viseu). É considerada a primeira obra de mecenato levada a cabo por uma empresa privada em Portugal. Esta iniciativa foi incluída na exposição *Pour l'art et la recherche, entreprises et fondations d'Europe*, organizada pela Fondation pour l'art, la recherche et la culture do Museu de Artes Decorativas instalado no Louvre, realizada de 29 de Novembro de 1968 a 6 de Janeiro de 1969.

## 1969, O PONTO DE VIRAGEM DA OLIVA

Em 1969, dá-se a venda da Oliva por parte do fundador António José Pinto de Oliveira, na altura com 82 anos de idade. A imprensa refere que divergências e demissões de sócios levaram o fundador a afastar-se da empresa. Este, por sua vez, através de mensagem enviada aos trabalhadores e transcrita no Boletim do Centro de Cultura e Recreio Oliva nº52 de Dezembro de 1969, afirmava que o que terá levado à alienação da empresa, para além da idade avançada e consequente cansaço, eram os «desajustamentos funcionais ao nível dos órgãos administrativos comprometedores do seu rendimento e da própria estabilidade da empresa». Também não se conhece a razão pela qual nenhum dos descendentes lhe terá sucedido na liderança da empresa. É apenas referido pelo engenheiro Martinho de Morais que os filhos não eram competentes para gerir a empresa,






[fig. 6] Fotografia do Stand da Oliva na feira popular de Lisboa. Década de 1950. Museu da Chapelaria, S. João da Madeira (em cima)

[fig. 7] Fotografia publicitária das Máquinas Oliva de Angola, Lda. 1965. Museu da Chapelaria, S. João da Madeira

encarando-a apenas como uma fonte de rendimento. O capital social é adquirido a 13 de Dezembro pela multinacional norte-americana ITT – International Telephone and Telegraph Corporation. É nomeado director-geral o engenheiro José António Gil da Silva, braço direito do fundador, e director administrativo o economista Carlos Pinto. Por esta altura, vendiam-se cerca de 24 mil unidades de máquinas de costura em Portugal e as instalações ocupavam uma área de 52 mil metros quadrados, com 1900 pessoas que aí trabalhavam. Em Portugal, era um exemplo em termos de organização e avanço tecnológico, sendo frequentes as visitas de alunos universitários, sobretudo das áreas de engenharia.

## A MULTINACIONAL ITT, A FABRICAÇÃO DE TORNEIRAS E A REVOLUÇÃO

Em 1972, tem início a produção de torneiras e cessa a produção de máquinas de costura, após o falecimento inesperado do engenheiro José António Gil da Silva. Pouco antes da sua morte tinha ocorrido uma reunião em Lisboa em que o engenheiro Gil da Silva participara e onde se discutira, precisamente, o futuro do negócio das máquinas de costura, a sua grande conquista profissional. A fábrica e os equipamentos das máquinas de costura são então vendidos e em sua substituição é instalada uma nova fábrica de torneiras. Foi feita uma *joint venture* com a empresa alemã Friederich Grohe, do grupo ITT, para a produção de componentes de torneiras destinadas exclusivamente à exportação. As peças eram fabricadas na fábrica Oliva e depois enviadas para a Alemanha para aí serem montadas.

Com estas alterações, deixou-se de produzir na íntegra objectos de marca Oliva, passando muitos deles a serem comprados a outras fábricas, acrescentando-se-lhes posteriormente a marca Oliva. Nesse ano, a Oliva passa a ter frigoríficos (comprados à Balay), televisões (de marca associada ITT), esquentadores e máquinas de lavar, entre outros artigos, que eram vendidos através da Oliva Comercial. No ano seguinte, a empresa atinge a sua expansão máxima, ocupando uma superfície de 90 mil metros quadrados e empregando 3363 pessoas.

«Quando o ITT comprou a Oliva, fez uma prospecção ao mercado e chegou à conclusão de que as meninas que saíam da escola continuavam a estudar, a costura já nada lhes dizia»

Luís Machado no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

«Em 1973, a Oliva tinha 3363 funcionários e nesse período não tinha descanso. Criaram uma base de torneiras com o objectivo de fornecer uma grande empresa na Alemanha»

Abel Simão no jornal Público.
*Suspensão do trabalho chega amanhã à Oliva...*
(3 de Maio de 2009)

Em meados dos anos 1970 a ITT chegou a ser a maior empresa norte-americana na Europa, através de grandes aquisições que iam fazendo em diversas áreas, empregando um total de quatrocentas mil pessoas das quais sete mil estariam em Portugal. Os seus interesses na Europa incluíam hotéis, seguros, teleimpressores, cosméticos, peças para automóveis, candeeiros, bombas, madeiras, metalurgia, alimentos e empresas de telecomunicações. Esteve ligada ao regime nazi quando, em 1933, detinha uma percentagem da empresa alemã FockeWulf, que produziria armamento para a guerra. Aliás, suspeita-se que a rede telefónica da ITT terá servido os interesses nazis. Depois de o fundador Sosthenes Behm ter deixado a empresa em 1956, Harold Gennen segue a política de expansão do negócio da ITT pelo mundo fora, tendo a multinacional chegado a ser considerada, em 1969, a nona maior empresa norte-americana, ao lado da Unilever e IBM. Em Portugal, fundou em 1948 a Standard Eléctrica, SARL, empresa que se dedicava à produção de material para telecomunicações e, em 1968, adquiriu a Rabor – Construções Eléctricas, Sarl. Um ano mais tarde, em 1969, funda a empresa Hóteis Sheraton de Portugal, Sarl e compra a Imprimarte – Publicações e Artes Gráficas, Sarl, concessionária das linhas telefónicas e das páginas amarelas, bem como as empresas Oliva Comercial, Sarl e Oliva-Indústrias Metalúrgicas, Sarl (metalomecânica).

Em 1974, o grupo ITT Portugal chegou a facturar um valor na ordem dos 2,2 milhões de contos[7], exportava 37% da produção e teve prejuízos declarados de 170 mil contos[8], sendo que se suspeitava de subfacturação na exportação às empresas do grupo (abaixo do preço de custo). Nesse mesmo ano, demitiu-se o director-geral do grupo Oliva-Rabor, o engenheiro Soares da Silva. Em 1975 a dívida aos bancos portugueses, entretanto nacionalizados, era de 850 mil contos[9].A Oliva e a Rabor começaram a ter dificuldades de produção, pois a sua exportação, destinada a empresas da ITT, parou completamente, visto que estas anularam todas as encomendas.

No caso do negócio das torneiras produzidas na Oliva, é referido que estas eram produzidas para serem exportadas para uma filial da ITT na Alemanha, que depois as vendia ao público, por um preço mais de cinco vezes superior àquele que tinha sido comprado à Oliva. A Oliva e a Rabor foram-se transformando progressivamente em elos do grupo ITT, incapazes de sobreviver técnica, comercial e financeiramente, uma vez que se encontravam desligadas dele. Se adicionarmos a má gestão (sob o prisma nacional) e os conflitos socioprofissionais que se foram acumulando, todas essas circunstâncias conduziram a uma situação de paragem e incapacidade de pagamento dos compromissos mais regulares, incluindo salários. De acordo com alguns, esta situação deveu-se sobretudo à sabotagem económica por parte da ITT, materializada em três atitudes: cortou as encomendas, parou investimentos e desligou-se financeiramente do grupo português a partir de Agosto de 1975[10].

No final de 1974, a ITT solicitou um empréstimo de 200 mil contos[11] à Caixa Geral de Depósitos, para que a Oliva – Indústrias Metalúrgicas Sarl pudesse fazer face ao financiamento de investimentos então em curso, ou a realizar nos anos de 1975/76, assim como aos prejuízos esperados de 1974. O Secretário de Estado da Indústria e Energia não terá autorizado um tal empréstimo. A situação foi-se agravando, pois as várias empresas clientes, todas subsidiárias da ITT, anularam a totalidade das encomendas, inclusive as já fabricadas. A solução que as administrações das várias empresas propunham era despedimentos em massa, aos quais os trabalhadores se opuseram. Com o agravar da situação, os trabalhadores da Oliva, em Março de 1975, pediram a intervenção do Estado, ao abrigo do decreto lei 660/74. O Ministério da Indústria e Tecnologia fez uma proposta de intervenção na empresa Rabor que não teve seguimento por oposição do Conselho de Ministros[12] e, por essa razão, nem sequer foi realizado o inquérito à Oliva.

Em Agosto de 1975, a ITT Europa, com sede em Bruxelas, informou o governo português de que tinha retirado o apoio financeiro às empresas portuguesas por motivos políticos. Alegava falta de cooperação do governo, no respeitante a despedimentos, reduções de salários e concessão de empréstimos da banca em condições favoráveis. A ITT manda retirar do país as administrações e direcções da sua confiança, na sua maior parte estrangeiros.

7 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 368.283.073,50€ (https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ipc)

8 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 28.458.237,50€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

9 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 142.291.187,49€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

10 Oliveira, A. *A ITT contra o 25 de Abril*. Lisboa: Ulmeiro,1976.

11 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 33.480.279,41€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

12 Onde se incluíam os ministros sem pasta: Mário Soares, Magalhães Mota, Álvaro Cunhal e Pereira de Moura.

[fig. 8] Cópia de carta enviada do Administrador-Delegado à Comissão Mandatária do Pessoal da Oliva. 24 de maio de 1974. Biblioteca Municipal de São João da Madeira

No âmbito da WikiLeaks[13] vieram a ser reveladas as comunicações entre o embaixador dos Estados Unidos em Portugal, Frank Carlucci, e Henry Kissinger, o Secretário de Estado da administração Gerald Ford, sobre a situação da ITT em Portugal após o período da revolução.

No seguimento destes acontecimentos, a 27 de agosto de 1975, os trabalhadores das várias empresas da ITT em Portugal constituiram uma intercomissão com membros eleitos pelas várias comissões representativas dos trabalhadores desta multinacional. Essa intercomissão passou a representar os cerca de sete mil trabalhadores das empresas que a ITT detinha em Portugal. Em Setembro de 1975, a banca já nacionalizada haveria de financiar a Rabor e a Oliva para estas poderem pagar os salários.

Segundo o relatório da Comissão de Trabalhadores da Oliva, – Indústrias Metalúrgicas Sarl, a partir de 1970, a política comercial da Oliva revelou-se totalmente estranha aos interesses nacionais da própria empresa e, particularmente, dos seus trabalhadores.

Nesse mesmo relatório são denunciadas como ruinosas as resoluções emanadas dos postos-chave da ITT, que se saldaram pela transformação, em três anos, de uma empresa antes equilibrada e próspera num conjunto de sectores à beira do completo colapso.

A extinção da produção de máquinas de costura foi determinada pela ITT com o fundamento da sua falta de rentabilidade sem, contudo, ser feito um estudo de reestruturação do processo produtivo que o tornasse mais rentável. Para além das dúvidas sobre as razões de ordem económica que determinaram o fim da produção de máquinas de costura, restava ainda o problema humano da adaptação de quinhentos trabalhadores a novos processos de fabrico.

Na verdade, enquanto o sector de máquinas de costura era integrado por pessoal qualificado, o novo produto – torneiras – necessitava apenas de trabalhadores indiferenciados[14].

Acentue-se, ainda, que a Oliva Comercial, o único cliente das máquinas de costura Oliva Industrial Sarl, passara a importar as máquinas que seriam comercializadas em Portugal com o nome Oliva.

O valor do equipamento adquirido para o sector de torneiras foi superior a 100 mil contos[15] (emprestados pelos bancos nacionais, principais credores da Oliva), sendo na altura um dos mais actualizados da Europa.

Toda a produção de torneiras é destinada à associada da ITT, a Grohe, na Alemanha Federal. Os preços para a sua comercialização são impostos pela Grohe sem que haja qualquer base contratual que defendesse a Oliva no caso de corte de encomendas. Em Fevereiro de 1974, a ITT contratava aviões para distribuir panfletos nas aldeias circunvizinhas de São João da Madeira, com o fim de recrutar pessoal para o sector das torneiras (pagando 2500 escudos[16] a quem arranjasse um candidato). Depois do 25 de Abril, mais propriamente no final de Maio de 1974, o sector ficaria com cerca de quinhentos trabalhadores inactivos, por corte de encomendas. Os alemães abandonaram o projecto e a Oliva lança-se no desenho, concepção e comercialização das linhas completas de torneiras. É assim que em 1984 se torna o primeiro produtor nacional de torneiras, sendo criada a empresa autónoma da Oliva, a Unitorn – Torneiras e Acessórios Oliva, que se dedicava ao fabrico de torneiras, acessórios para torneiras e outros componentes de latão.

13 Organização sem fins lucrativos conhecida pela divulgação online de documentos confidenciais obtidos de empresas e agências governamentais de todo o mundo.

14 Oliveira, A. op. cit.

15 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 16.740.139,70€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

16 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 418,50€ (conforme link de conversão referido na nota 7)



OLIVA-Indústrias Metalúrgicas, S.A.R.L.

Uma Associada Portuguesa da ITT

S. João da Madeira
Portugal
Apartado 4
Telegramas: Oliva
Telefone: P.P.C.A. 24041 e 24051
Telex: 22683 P

Aos Membros da
Comissão Mandatária do Pessoal da OLIVA

Sres: Dr. H. Mendonça
Eng. J. Urbano
Fernando Cardinali
Drª. Maria Armanda Costa
Eng. Pinto Chaves
Garcia Gonçalves

cc: Sres. Prof. Eng. A. de Carvalho Fernandes - SE
Gene d'Olive - ITTE
Emil G. Chaves - ITTE

Respondo à exposição "A OLIVA - UM PASSADO. O PRESENTE. QUE FUTURO?" que me foi entregue em mão por V.Exas. no passado dia 21 de Maio.

I, II e III - O PASSADO; O PRESENTE; PERSPECTIVAS A CURTO PRAZO

Sendo evidente que os comentários e afirmações constantes da introdução dedicada ao PASSADO, PRESENTE e Perspectivas a Curto Prazo da OLIVA, se afastam algumas vezes daquilo que a Direcção da Companhia considera justo e fundamentado, não podemos deixar de sublinhar que parecem sempre inspirados em grande interesse e orgulho pela Companhia. Notaremos designadamente que não foi tomado em consideração o facto basilar de que a alteração da estrutura accionista da OLIVA foi inspirada no bom senso administrativo que vem referido, por se ter tornado evidente a necessidade de a OLIVA se adaptar a uma dimensão internacional e corresponder à exigência inadiável de actualizar a sua gama de produtos, sob pena de não poder continuar o seu crescimento. Foi este o objectivo prosseguido com rapidez e intensidade desde 1970. Alguns índices, exemplificativos, poderão ser mencionados: Bastará agora notar que as vendas (OLIVA/RABOR) de 1969 a 1974 passarão de 370.000 contos a 850.000 contos e as exportações de 9.000 contos a 280.000 contos.

Um programa de tal magnitude não poderia ser realizado sem erros de previsão ou de execução, em parte por não se ter feito uma avaliação exacta dos recursos humanos disponíveis. Mas certamente o erro que hoje se torna mais aparente é a falta no passado de uma boa comunicação entre a direcção e o pessoal, falta de comunicação responsável por alguns dos equívocos que agora se pretendem esclarecer e evitar para o futuro.

A partir de testemunhos orais no contexto das entrevistas realizadas por ocasião da exposição *Trabalho Capital # Ensaio Sobre Gestos e Fragmentos*, os antigos trabalhadores da Oliva contam que tudo mudou quando a ITT tomou conta da empresa. O negócio das máquinas de costura, o orgulho da Oliva, é posto de parte; a ocupação das instalações para a produção de torneiras, um processo sem recurso a tecnologias mais avançadas ou a aptidões especiais por parte dos trabalhadores, deixa a empresa dependente da empresa Grohe na Alemanha (pois produzia sob licença desta) e a Oliva torna-se mais um peão no jogo de interesses desta multinacional. Ainda em relação ao período pós-revolução de Abril de 1974, os trabalhadores referem uma inversão do temor laboral: as chefias passaram a submeter-se às exigências dos operários que ocupavam a fábrica. Foi uma altura de grandes divisões, greves, e perturbação da produção, com plenários quase diários. Os aumentos salariais exigidos fazem aumentar substancialmente os custos da empresa.

Desde que a Oliva foi comprada pela ITT em 1969, ano em que a empresa apresenta lucros e tem boas reservas, a situação económica e financeira foi-se degradando a tal ponto que o prejuízo apresentado em 1974 era de 82.000 contos[17]. Esta situação foi determinada pelos seguintes factores, de acordo com Antunes Oliveira[18]:

Exploração lesiva no sector de torneiras, que destruiu económica e financeiramente a empresa, uma vez que, contrariando os princípios mais elementares de administração industrial, a empresa era controlada de fora para dentro.

Péssima gestão de *stocks* (os inventários revelam que estes chegaram a atingir, em 1974, duas vezes e meia mais do que a média de 1973), donde emergiu uma crise financeira.

Política errada de salários, seguida em Maio de 1974, que permitiu atribuir indiscriminadamente a cada trabalhador da empresa um acréscimo mensal de 1500 escudos[19], o que determinou, por sua vez, um agravamento de encargos sociais na ordem dos 60.000 contos[20], os quais não foram absorvidos pelos custos industriais.

Acréscimo significativo de encargos financeiros, na ordem dos 35.000 contos[21]pelas razões que antecedem.

Inexistente regime de austeridade de despesas.

«Achava que a Oliva não se ia aguentar, dado a degradação
de comando e os interesses financeiros.»
Luís Machado no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

Em 1977, com o abrandamento das vendas à Grohe, a ITT inicia a produção de uma segunda linha de torneiras da criação do *designer* Daciano da Costa (linha Euroliva). Apesar de as opções do seu autor não terem sido integralmente respeitadas, esta linha marcou a abertura deste sector do mercado nacional ao gosto moderno. Mais tarde, em 1984, a Oliva torna-se o primeiro produtor de torneiras através da Unitorn – Torneiras, Válvulas e Acessórios, S.A., apesar da situação financeira débil. Esta é líder de mercado em tubos e acessórios em ferro galvanizado e preto (nesta altura com as empresas Ferpinta e Oliveira & Ferreirinha no mercado). Mas a «queda do império» é atribuída não só a factores internos, como os referidos nas alíneas acima, como a factores externos. A crise do petróleo em 1973 e a instabilidade política do país em 1974 foram as circunstâncias que levaram o grupo norte-americano ITT a afastar-se da direcção durante alguns anos, regressando quando chegou a acordo com o Governo em 1980.

17 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 13.726.914,56€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

18 Oliveira, A. *op*. cit.

19 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 251,10€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

20 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 10.044.083,82€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

21 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 5.859.048,90€ (conforme link de conversão referido na nota 7)



## O REGRESSO AOS ACCIONISTAS PORTUGUESES

*João Cebola*

Em 1985, o que era conhecido como grupo Oliva regressa aos accionistas portugueses com o gestor João Cebola, que adquire a Oliva por um dólar à multinacional ITT. Dois anos depois, ele constitui a Oliva Trade – Importação, Exportação, Lda, que funciona como vertente comercial da Oliva Indústrias Metalúrgicas, S.A. para o mercado doméstico e exportação. João Cebola era o director-geral e também o fornecedor da empresa Oliva, de acordo com testemunhos obtidos junto de ex-trabalhadores.

Em 1988, a administração da Oliva emitiu um comunicado (Comunicado Directivo nº 002/88) dirigido aos trabalhadores, em resposta à greve geral do dia 28 de Março desse ano, em que alertava para as dificuldades sentidas nas diferentes áreas: a intensa concorrência, sobretudo no mercado nacional, na secção dos tubos; a incapacidade para satisfazer os pedidos dos principais clientes na secção de torneiras; os pesados custos de energia e a baixa produtividade devido aos equipamentos obsoletos na secção das fundições. Mais uma vez, está em causa a concorrência, neste caso oriunda do Brasil no segmento de produção de acessórios, e de Espanha no segmento de produção de banheiras. É também referido o «boicote» espanhol aos produtos portugueses e, sobretudo, a impossibilidade de venda de tubos para esse país.

Em 1989, é criada mais uma empresa autónoma, a Euromec – Moldes, Automatismos e Serviços de Manutenção Industrial, S.A., fruto da autonomização dos moldes e serviços de manutenção, depois de um investimento de cerca de 13 milhões de euros. Esta fábrica passa a ter a concepção dos moldes para fundição e fundição injectada, assim como a concepção e fabrico de cunhos cortantes. Para além disso, realizam-se projectos de automação, desenvolvimento e fabrico de automatismos e máquinas ligeiras, serviços de manutenção mecânica, elétrica, hidráulica, e instalação de fábricas com «chave na mão».

Durante o período de 1986 a 1992 é reportado que a empresa vive um grande crescimento a nível de vendas (na ordem dos 30 milhões de euros)[22] e de lucros.

Para a modernização das fundições, a empresa beneficia de fundos reestruturais do PEDIP I, em 1993. Em 1996, o gestor João Cebola é acusado de seis crimes de abuso de confiança fiscal por retenção indevida de 540 mil euros[23] de IVA, entre Dezembro de 1993 e Dezembro de 1994, em actos praticados na Oliva. Foi, segundo a imprensa, o único empresário português a ser preso por fraude fiscal e condenado pelo Estado. A própria empresa Oliva, nessa altura com cerca de oitocentos trabalhadores, foi pelo mesmo crime condenada a pagar uma multa de 550 mil euros[24], mais 145 mil euros[25] referentes a outras irregularidades fiscais da autoria do mesmo gestor. Não é de admirar que, em 1995, com um prejuízo de 15 milhões de euros[26] e uma dívida de 30 milhões de euros[27], segundo a imprensa, a empresa tenha recorrido ao processo especial de recuperação de empresas (DL nº 132/93). É então definido um plano de viabilização, passando a empresa a chamar-se Buciqueira, em referência ao nome da avenida que dá acesso às suas instalações e que evoca o massacre perpetrado pelo exército napoleónico por altura da segunda invasão francesa. A Oliva passa agora a ser gerida por uma sociedade de credores comandada pelo Estado.

No ano de 1994, procedeu-se à autonomização jurídica das divisões de tubos e torneiras e foram criadas as sociedades Fábrica Nacional de Tubos Metálicos Oliva, S.A., que prosseguiu a produção de tubos de aço galvanizados ou pretos, para canalizações, mobiliário e indústria automóvel e a Unitorn – Torneiras e Acessórios Oliva, ambas com sede em São João da Madeira.

22 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 56.455.101,87€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

23 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 838.366,73€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

24 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 855.949,92€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

25 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 225.659,53€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

26 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 24.060.752,32€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

27 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 48.121.504,64€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

*Ludgero Marques*

Em 1997, a fábrica de torneiras da Oliva, a Unitorn, é adquirida por 600 mil euros[28] pelo grupo Cifial liderado por Ludgero Marques, presidente da AEP, com a contrapartida de essa produção sair da Oliva e assim eliminar um concorrente. A marca de torneiras Oliva desaparece e é substituída pela marca Cifial no ano 2000, por ocasião da integração. A contestação dos trabalhadores a esta venda à Cifial permitiu-lhes manter os seus postos de trabalho. A empresa passa a ocupar uma área de 64 mil metros quadrados e emprega quatrocentas pessoas. Em 2008, com a crise do *subprime* nos Estados Unidos, o seu principal mercado, o grupo Cifial começa a decair, para, em finais de 2019, e depois de venda de 90% do grupo a um fundo de reestruturação português, ser vendido na sua totalidade à empresa chinesa Kinlong.

*Grupo Suberus*

Em 2004, após mais um processo de insolvência da Oliva, o grupo Suberus de Santa Maria da Feira, com investimentos nos sectores corticeiro e imobiliário, adquire, por 1 milhão e quinhentos mil euros[29], uma parte da empresa, seis anos depois de ter adquirido a Fábrica Nacional de Tubos Metálicos, S.A. por 360 mil euros[30] (esta divisão adquirida à sociedade de credores com o estado a comandar fora feita em 1998). A aquisição beneficiou de um preço especial, sob a condição de o grupo Suberus não encerrar a empresa nos cinco anos seguintes. Após os sucessivos desmembramentos da Oliva nos anos anteriores, o que restava da empresa passou em 2005 a designar-se Novolivacast – Soluções de Fundição, S.A.. A administração tinha como objectivo a redução do quadro do pessoal de 230 para 70 trabalhadores, sem afectar a produção. A estratégia definida propunha também o reforço do posicionamento da empresa nos mercados externos, em especial na Europa e no Norte de África, ao mesmo tempo que injectava capital e renegociava o pagamento das matérias-primas com os fornecedores. Deduzindo-se que tais objectivos não terão sido alcançados, em 2006, a empresa altera mais uma vez a sua designação social para Oliva 1925- Soluções de Fundição, S.A. A produção limitava-se agora a peças de ferro para a indústria automóvel pesada, tractores e máquinas agrícolas e era praticamente toda escoada para o mercado externo. Em 2009, a empresa envia para processo de *lay-off* 178 dos 198 operários, medida justificada com a crise que estaria a afectar a indústria automóvel e a consequente quebra de encomendas entre os 40 e 60 por cento. A situação financeira e uma direcção estratégica incapaz de contornar a difícil conjuntura levaram à falência definitiva da Oliva seis anos depois. Segundo a imprensa, o relatório do processo de insolvência alertava para a desadequada estrutura de custos para as receitas que gerava e as ineficientes técnicas que a impediam de ser rentável. Ainda segundo Adelino Nunes, do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas, o problema-chave seria a falta de modernização. Este dirigente sindical sublinha o paradoxo de uma empresa que, com equipamentos obsoletos, ainda assim produzia peças de qualidade que não eram feitas em mais nenhuma fundição do país. Mas, ao não modernizar o equipamento, as peças teriam de ser vendidas mais caras para ter rentabilidade (uma nova máquina poderia produzir um maior número de peças de qualidade e assim permitir a redução dos custos). Este também não terá sido um processo de insolvência pacífico. O administrador de insolvência terá ocultado informação ao tribunal, nomeadamente no que se refere à Gestifundo, uma sociedade anónima que no anterior processo de 1995 era considerada proprietária das instalações onde a empresa ainda funcionava.[31]

28 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 912.413,09€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

29 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 1.849.223,71€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

30 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 533.730,97€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

31 Esta Gestifundo terá sido criada em 1986 e vendida ao Banco Totta nos anos 1990 por João Rendeiro, empresário de sucesso e depois banqueiro, que em 2010 viria a ser condenado a cinco anos de prisão com pena suspensa por falsificação informática e de documentos.



«Ao princípio, dava gosto trabalhar na Oliva. Aquilo é que era uma fábrica, havia respeito. Nos últimos tempos, tornou-se horrível.»

Maria Norbinda no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

«Esta empresa tinha tudo e há aqui qualquer coisa que está mal contada. Sempre deu muito dinheiro e, de repente, deixou de dar...»

Armando Marques no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

«O que foi e o que é, dá pena... é como velar um cadáver»

Joaquim Silva no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

«Os trabalhadores encararam toda esta situação com angústia, com desespero.
...
Desde que o grupo Suberus tomou conta da Oliva que a empresa trabalhou sempre no vermelho.»

David Soares no jornal *Público*.
(18 de Abril de 2010)

## UMA NOVA VIDA

Em 2009, a câmara municipal de São João da Madeira comprou uma parte das instalações da antiga fábrica Oliva. É então aprovado um financiamento de 9,2 milhões de euros[32] da União Europeia para a criação de um espaço cultural. Um ano depois, em 2010, a Oliva encerrava definitivamente, oitenta e cinco anos depois de ter sido criada. Artigos vários na comunicação social deram conta do fecho desta empresa histórica.

A torre e o edifício de fabricos gerais foram adquiridos pela Câmara por cerca de 2,5 milhões de euros[33]. Os restantes sete pavilhões são colocados à venda. Ainda segundo a imprensa, o equipamento e mobiliário da antiga fábrica é vendido ao sucateiro Manuel Godinho, condenado nos anos seguintes pelo Supremo Tribunal de Justiça a 13 anos de prisão no processo «Face Oculta»[34]. Todo o equipamento industrial, o material de carga e transporte, as peças de fundição e mobiliário foram adquiridas por 1,4 milhões de euros[35] e transformados em sucata. Parte dessa verba foi utilizada para o pagamento das despesas relativas ao processo de insolvência (400 mil euros[36]) e o restante foi destinada ao pagamento aos credores (sendo os trabalhadores os primeiros que o terão recebido).

A torre da Oliva, onde se situava a parte administrativa da empresa, tendo sido depois adquirida pela autarquia após o processo de insolvência, deu origem a um *welcome center* de turismo industrial. Nessa mesma torre é hoje possível assistir a uma apresentação da história da fábrica e percorrer a exposição do núcleo histórico da Oliva. O outro edifício adquirido pela câmara, o de fabricos gerais, foi destinado à criação de um espaço de incubação de negócios e um centro de arte contemporânea. Nasceram assim, em 2013, a Oliva Creative Factory e o Núcleo de Arte da Oliva (em 2018 o nome de Núcleo de Arte da Oliva foi alterado para Centro de Arte Oliva no âmbito de um processo de renovação da sua identidade visual), onde se encontram agora depositadas as colecções Norlinda e José Lima, uma das principais colecções privadas de arte contemporânea em Portugal, constituída por cerca de 1500 obras de arte pertencentes a um empresário local da área do calçado e sua mulher, assim como a colecção de arte Treger Saint Silvestre de Richard Treger e António Saint Silvestre, uma das mais importantes colecções europeias de arte bruta/*outsider*, com um acervo de cerca de 1500 obras.

32 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 10.318.040,04€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

33 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 2.765.103,78€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

34 Processo que envolve várias figuras públicas e o Estado português. Manuel Godinho começou a ser julgado em 2011, num caso relacionado com uma rede de corrupção que teria como objectivo o favorecimento do grupo empresarial do sucateiro nos negócios com empresas do sector do Estado e privadas. Quase seis anos após ter sido lida a sentença (com data de 2014), o empresário ainda se encontra em liberdade.

35 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 1.548.458,11€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

36 Fazendo a actualização com base nas taxas de variação do Índice de Preços no Consumidor, isto significa um valor para 2020 de 442.416,60€ (conforme link de conversão referido na nota 7)

Nota final:

Este texto pretende, tanto quanto possível, fazer um retrato do grupo empresarial Oliva e do contexto em que este se inseria. Foi elaborado na sequência da investigação realizada enquanto membro da equipa de trabalho do curador Paulo Mendes para o projecto curatorial *Trabalho Capital # Ensaio Sobre Gestos e Fragmentos* concebido em 2019 para o Centro de Arte Oliva. Tratando-se de uma história com quase um século e estando muita da informação dispersa por várias fontes, materiais e humanas, diversos foram os recursos utilizados para a redacção deste texto. Entre outros, os depoimentos obtidos sob forma de entrevistas feitas aos ex-trabalhadores da Oliva: Abel Simão, Valdemar Oliveira, Magalhães Santos, António Ribeiro, António Aires, Narciso Costa e António Bernardo. A ex-trabalhadora Maria Virgínia Silva e Costa teve a amabilidade de ler este texto e assinalar algumas correcções. Foram consultadas as teses de mestrado de Maria de Pinho, Bruna Ferreira, Ivo Oliveira, Ana Margarida Tavares, Ângela Balsinha, Victor de Almeida e Eduardo Fernandes. Como fontes indirectas, recorremos a artigos da imprensa escrita, em especial o *Jornal Regional de São João da Madeira* e o jornal *Público*.  O material de arquivo (fotografias, vídeos, publicações, *merchandising*, comunicações internas) foi cedido para análise pelo ex-trabalhador Abel Simão, assim como pela empresa ERT através do seu espólio da Oliva da colecção João Brandão e pelo Museu de Chapelaria. Os boletins do Centro de Cultura e Recreio Oliva foram gentilmente cedidos pelo ex-trabalhador Magalhães dos Santos. Foram ainda consultados os blogues e livros publicados por Paulo Marcelo, Renato Figueiredo e Antunes Oliveira.

Na medida do praticável, tentámos cruzar a informação analisada. Quaisquer omissões ou mesmo erros factuais que poderão existir prendem-se com a dispersão de fontes utilizadas e não constituem intenção de desvirtuar a investigação em prol de qualquer narrativa ou ideologia.


Livros

FIGUEIREDO, R. *Caleidoscópio*. Porto: Edições Laborpress, 2009

MARCELO, P. *Oliva: Memórias de uma Marca Portuguesa*. Lisboa: Edições Tinta da China, 2011.

OLIVEIRA, A. *A ITT contra o 25 de Abril*. Lisboa: Ulmeiro, 1976

Artigo de versão pre-print

FERRAZ, J. M. (1975). O desenvolvimento socioeconómico durante a Primeira República (1910- 26). *Análise Social*. Vol. XI (2.º-3.º), N.º 42-43. Disponível em http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223912673Y8iRK9tq7Sh93OU6.pdf

ALVES, J. F. (2012). A Indústria em Portugal, ao longo do tempo. CITCEM- Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2012. Disponível em https://www.academia.edu/20513642/A_industrialização_em_Portugal_ao_longo_da_História

Boletins

Boletins do Centro de Cultura e Recreio Oliva desde o nº1 de setembro de 1965 até ao nº78 de julho de 1983

Periódicos

SILVA, J.S.(1958, pp. 1-4).  I Congresso Nacional da Oliva. Jornal *O Regional*. Biblioteca Municipal de São João da Madeira.

Autor desconhecido.(1991).  Figuras & Factos da nossa terra – António José Pinto de Oliveira. Jornal *O Regional* nº2385. Biblioteca Municipal de São João da Madeira.

Artigos de jornal

AMORIM, J. (2000, setembro 18). Cifial a caminho da liderança nas torneiras. Jornal *Público*. Consultado em 26 de maio de 2020. Disponível em https://www.publico.pt/2000/09/18/jornal/cifial-a-caminho-da-lideranca-nas-torneiras-148867

Correio da Manhã. (2003, junho 03). Ordenada captura de João Cebola. *Correio da Manhã*. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://www.cmjornal.pt/economia/detalhe/ordenada-captura-de-joao-cebola

COUTO, A. (2009, setembro 20). Oliva vai ser transformada em fábrica de criação. *Diário de Notícias*. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://www.dn.pt/bolsa/interior/oliva-vai-ser-transformada-em-fabrica-de-criacao-1366851.html

Lusa. (2003, setembro 22). Olivacast posta à venda por 2,5 milhões de euros. *Jornal Público*. Consultado em 26 de maio de 2020. Disponível em https://www.publico.pt/2003/09/22/economia/noticia/olivacast-posta-a-venda-por-25-milhoes-de-euros-1167290

LOURINHO, J. (2018, outubro 15). João Rendeiro condenado a cinco anos de prisão com pena suspensa. *O Jornal Económico*. Consultado em 27 de maio de 2020. Disponível em https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/joao-rendeiro-condenado-a-cinco-anos-de-prisao-com-pena-suspensa-366479

MARMELO, J. (2010, outubro 20). Era uma vez umas sapatilhas. Jornal *Público*. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://www.publico.pt/2010/10/20/jornal/era-uma-vez-umas-sapatilhas-20407592#gs.vLPioCbJ

MIRANDA, A. (2009, setembro 20). Trabalhadores voltaram à fábrica da Oliva. Jornal *Público*. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://www.publico.pt/2009/09/20/jornal/trabalhadores-voltaram-a-fabrica-da-oliva-17852070#gs.2pebR9L5

MSO. (2004, outubro 12). Olivacast: Credores confirmaram adjudicação da empresa ao grupo Suberus. Uol. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://noticias.uol.com.br/ultnot/lusa/2004/10/12/ult611u51085.jhtm

NEVES, R. (2019, outubro 28). Cifial criada por Biscatão torna-se chinesa 115 anos depois. *Jornal de Negócios*. Consultado em 2 de setembro de 2020. Disponível em https://www.jornaldenegocios.pt/empresas/industria/detalhe/cifial-criada-por-biscatao-torna-se-chinesa-115-anos-depois

OLIVEIRA, S. (2002, julho 22). A Odisseia fiscal de João Cebola. Jornal *Público*. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://www.publico.pt/2002/07/29/jornal/a-odisseia-fiscal-de-joao-cebola-173247#gs.Kx0ytqi8

OLIVEIRA, S. (2009, maio 03). Suspensão do trabalho chega amanhã à Oliva. *Jornal Público*. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://www.publico.pt/2009/05/03/economia/noticia/suspensao-do-trabalho-chega-amanha-a-oliva-1378247

OLIVEIRA, S. (2009, maio 03). Cronologia. Jornal *Público*. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://www.publico.pt/2009/05/03/jornal/cronologia-305061#gs.EVSsh8Ev

OLIVEIRA, S. (2016, janeiro 20). Oliva acaba de entrar no roteiro turístico que mostra o miolo das fábricas. Jornal *Público*. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://www.publico.pt/2016/01/20/local/noticia/oliva-acaba-de-entr...teiro-turistico-que-mostra-o-miolo-de-fabricas-1720770#gs.Acrz0ecT

OLIVEIRA, S. (2010, fevereiro 14). Oliva: a metalúrgica que teve de aprender a viver com a corda na garganta. Jornal *Público*. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://www.publico.pt/2010/02/14/economia/noticia/oliva-a-metalurgica-que-teve-de-aprender-a-viver-com-a-corda-na-garganta-1424961#gs.d4mG1kBW

OLIVEIRA, S. (2010, abril 18). Oliva, oliva linda feiticeira, padroeira da alta costura. Jornal *Público*. Consultado em 6 de fevereiro de 2019. Disponível em https://www.publico.pt/2010/04/18/jornal/oliva-oliva-linda-feiticeira-padroeira-da-altacos-tura-19162966

OLIVEIRA, S. (2011, setembro 27). Sete pavilhões da fábrica Oliva colocados à venda por 3,7 milhões de euros. Jornal *Público*. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível emhttps://www.publico.pt/2011/09/27/jornal/sete-pavilhoes-da-fabrica-oliva-colocados-a-venda-por-37-milhoes-de-euros-23069485#gs.W4QzzBt3

OLIVEIRA, S. (2009, maio 03). Suspensão do trabalho chega amanhã à Oliva. Jornal *Público*. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://www.publico.pt/2009/05/03/economia/noticia/suspensao-do-trabalho-chega-amanha-a-oliva-1378247#gs.tYWKjo8m

OLIVEIRA, S. (2011, abril 13). Torre da Oliva será núcleo museológico. Jornal *Público*. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://www.publico.pt/2011/04/13/jornal/torre-da-oliva-sera-nucleo-museologico-21828412#gs.SQDIsvL6

PINTO, L. (2009, setembro 03). Oliva avança com pedido de insolvência para tentar garantir viabilidade económica. Jornal *Público*. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://www.publico.pt/2009/09/03/economia/noticia/oliva-avanca-com-pedido-de-insolvencia-para-tentar-garantir-viabilidade-economica-1398893/amp

RODRIGUES, S. (2010, novembro 04). Empresa de Manuel Godinho paga 1,4 milhões pelos bens da Oliva. *Jornal de Notícias*. Consultado em 27 de maio de 2020. Disponível em https://www.jn.pt/local/noticias/aveiro/sao-joao-da-madeira/empresa-de-manuel-godinho-paga-14-milhoes-pelos-bens-da-oliva-1702239.html

TSF. (2010, fevereiro 26). Segurança Social pede adiamento da Assembleia de credores da Oliva. *TSF*.  Consultado em 27 de maio de 2020. Disponível em https://www.tsf.pt/economia/empresas/seguranca-social-pede-adiamento-da-assembleia-de-credores-da-oliva-1505388.html

WikiLeaks

Public Authority of US Diplomacy. (1975, setembro 05). ITT Developments. WikiLeaks. Consultado em 27 de maio de 2020. Disponível em https://wikileaks.org/plusd/cables/1975STATE219964_b.html

Blogues

MENDES, L. (2010, outubro 10). A costureira. Arquivadormorś Blog. Consultado em 11 de fevereiro de 2019. Disponível em https://arquivadormor.wordpress.com/2010/10/10/cartaz-publicitario-de-inicio-de-1940/

Teses

ALVES DE PINHO, M.E.F. (2000). A Oliva: ascensão de uma grande empresa de S. João da Madeira (1925-1954). Tese de Mestrado em História Económica e Social Contemporânea. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

FERREIRA, B.R. (2016). Olivatype um passado tão presente. Tese de Mestrado em Design Gráfico e Projetos Editoriais. Repositório Institucional da Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto.https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/87693

MARINHO DE ALMEIDA, V.M. (2009). O Design em Portugal, um Tempo e um Modo. A institucionalização do Design Português entre 1959 e 1974. Tese de Doutoramento em Belas-Artes (Especialidade de Design de Comunicação). Repositório Institucional da Universidade de Lisboa. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2485/2/ulsd059655_td_Tese_Victor_Almeida.pdf

NUNES DA COSTA, T.F.M. de S. (2011). Património Industrial Português da época do movimento moderno. Das experiências modernistas às novas necessidades contemporâneas. Tese de Mestrado em Arquitetura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Repositório Institucional da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/15829

OLIVEIRA, I. (2006). Ilusões e Ficções de Modernidade na fábrica Oliva de São João da Madeira. Tese de Mestrado em Arquitetura, Território e Memória. Repositório Institucional da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/5870

TAVARES, A.M.P.L. (2011). Evolução do *design* das máquinas de costura Oliva no contexto da sociedade feminina portuguesa entre 1948 e 1972. Tese de Mestrado em Design de Equipamento, especialização em Estudos do Design. Repositório Institucional da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.https://repositorio.ul.pt/handle/10451/5007